



VOAR MAIS ALTO



EDITORIAL

O tempo não pára, Kronos não se compadece. Quando damos conta já lá vai mais um ano. Estamos com mais idade, mas continuamos com o mesmo espírito de luta, procurando remar contra todas as contrariedades.

Este ano, o programa de *Cultura e Literatura* tem como tema o vinho e a sua presença ao longo dos tempos e em diversas civilizações.

Na Grécia e em Roma, Diónisos ou Baco presidiam a todas as celebrações respeitantes ao vinho e às manifestações teatrais.

O nosso país tem tradições muito antigas no cultivo da vinha, de que existem vestígios desde os Fenícios.

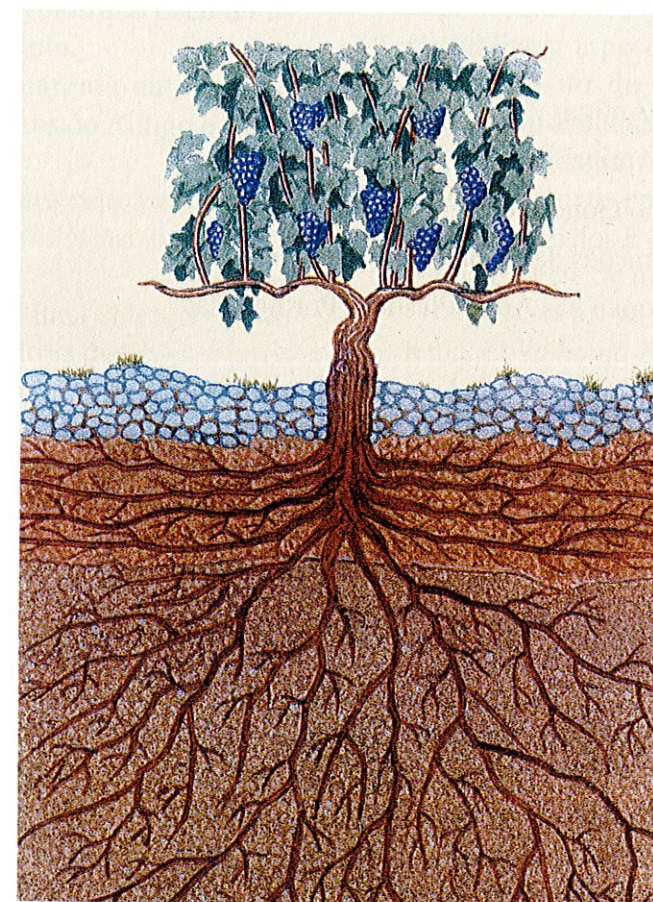
Fomos os primeiros no mundo a implementar uma região vinícola demarcada, tendo o ministro de D. José I, Sebastião José de Carvalho e Melo, futuro Marquês de Pombal, fundado a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto-Douro, em 1756, para regular e incentivar o cultivo e o comércio dos vinhos do Douro.

As restrições e leis impostas não agradaram a muita gente, o que deu origem a um motim popular, em 23 de Fevereiro de 1757, conhecido como *Revolta dos Taverneiros*, que foi violentamente debelado, tendo sido condenadas mais de trezentas pessoas. Este acontecimento está muito bem narrado no livro *Um Motim Há Cem Anos* de Arnaldo Gama.

Todas as medidas implementadas pela Companhia conseguiram criar as condições para produzirmos o melhor de todos os vinhos do mundo - o vinho do Porto.

Agradecemos a todos os que colaboraram nesta revista, nomeadamente aos Professores da Universidade de Coimbra e da Universidade do Minho e a todos os que frequentam a disciplina de Cultura e Literatura.

A Direcção



O vinho é uma coisa maravilhosa para o homem, deve ser administrado tanto na saúde como na doença, com sabedoria e perspicácia.

Hipócrates, 460-377 aC

O calor do vinho tem o mesmo efeito sobre a alma que têm as brasas sobre o incenso.

Plutarco, 46-120

Numa taberna, pedi a um velho que me informasse sobre os que morreram. Respondeu-me:

«Não voltarão. É tudo o que sei... Bebe vinho!»

Rubaiyat - Odes ao Vinho, poeta árabe, Séc. XI

Madeira velha para queimar, vinho velho para beber, velhos amigos de confiança, autores antigos para ler.

Francis Bacon, 1521-1626

fenómeno sociocultural que irradiava de uma região eurocêntrica em que se inserem as cidades universitárias, num eixo que vai das escolas inglesas do sul das ilhas britânicas, como Oxford e Cambridge; às cidades alemãs do Oeste do espaço germânico, especialmente Colónia; ao Norte e Centro da Península Itálica, principalmente Pavia e Bolonha; à Península Ibérica, havendo a apontar de maneira mais expressiva as escolas monacais da Catalunha, assim como as Universidades de Santiago de Compostela, Toledo e Salamanca; muito embora tenha sido em França, de modo especial em Paris, que tal fenómeno tenha sido mais notório.

Ainda hoje há quem opine que o tuno actual, que continua cultivando cantares sarcásticos, satíricos e paródicos em troca de uns copos de vinho e duma malga de “sopa boba”, seja um legítimo herdeiro daquele movimento que mergulha as suas raízes na Idade Média Europeia.

A produção poética goliárdica é, na sua essência, anónima. Fazia-se por e para uma comunidade de escolares que a entoaria em ambientes mais ou menos académicos, na taberna, nas praças e nos caminhos. Os temas dominantes desenvolviam *topoi* como a Primavera, o amor, o vinho, o ambiente báquico, a alegria de viver. O tom desenfadado das letras traduz na perfeição o espírito goliárdico, o desejo de agarrar o momento, de não pensar em mais nada do que em seguir o caminho alegremente. Se, por um lado, predominava um tom frívolo, por outro, o humor era a marca determinante do discurso. Quando é possível descortinar as origens sociais dos goliardos, verifica-se que eram provenientes de famílias das classes sociais mais elevadas. Dotados de uma educação esmerada, eram clérigos familiarizados com os textos bíblicos e com as fórmulas de culto e da liturgia; conheciam a fundo e na perfeição as fontes clássicas; dominavam com virtuosismo o latim, a língua que veiculava a cultura da época; e inserem-se na tradição clássica da Antiguidade Clássica com remissões directas para Cícero, Esopo, Ovídio (sobretudo da *Ars Amandi*), para as *éclogas* de Teócrito, as *Bucólicas* de Virgílio, e as *Sátiras* de Juvenal. Eram composições que viravam do avesso modelos conhecidos, agora enriquecidos por sugestões ácidas, obscuras, tendenciosamente críticas, como o uso desbragado de alusões ao amor erótico em contraponto com os cantares de amor cortês e as aventuras cavaleirescas das composições de gesta. Por conseguinte, todos os conhecimentos eram mobilizados para criticar a sociedade que os rodeava e parodiarem fórmulas consagradas

como os hinos litúrgicos.

Os poemas goliárdicos que chegaram ao nosso conhecimento aparecem reunidos em colectâneas, como os *Carmina Cantabrigensia* ou o Cancioneiro de Ripoll; no entanto, porventura os mais célebres são conhecidos como *Carmina Burana*. O termo deriva de “Carmen, carminis” (Canto ou cântico) e “burana”, que é o adjectivo locativo que remete para a respectiva procedência: o mosteiro de Benediktbeuern. Trata-se, pois, de uma colecção de trezentas composições dos séculos XII e XIII, conservados num único códice encontrado em 1803 por Johann Christoph von Aretín na Abadia de Bura Sancti Benedicti, na Baviera. Com o processo de secularização das instituições religiosas passaram para a Staatsbibliothek de Munique, onde ainda se conservam. Foram editados pela primeira vez em 1847 por Andreas Schmeller, que fixou o seu título. Em 1937, o compositor alemão Carl Orff (1895-1982) musicou estes poemas, sob a forma de um oratório-mimo, estruturado com ritmos enérgicos e vibrantes, e ricas sonoridades, combinando deste modo a poesia profana do século XIII com uma musicalidade intensa e deliberadamente magistral para grande orquestra e coro. A estreia teve lugar nesse mesmo ano em Frankfurt.

Redigidos na sua maioria em latim, alguns desses poemas foram igualmente escritos em alemão antigo (Althochdeutsch) e em francês antigo, pelo que pode ser díspar a sua origem. Tais composições, se bem que manifestem um forte anticlericalismo, não descaem para o campo da heresia, professando os autores uma leal crença em Deus e nos dogmas do Cristianismo. Contudo, os poemas que porventura mais característicos da goliardia se podem considerar são autênticas “contrafacturas” das litánias do Evangelho, que imitam com o mesmo ritmo, para satirizar a decadência da Cúria romana ou para construir alegres hinos ao amor, ao jogo ou, sobretudo, ao vinho.

Ainda que em todos os temas da poesia goliárdica - a Primavera, o amor, e o vinho - seja possível rastrear a influência clássica, como acima referido, os poemas de taberna entroncam na grande linha das composições báquicas e nas laudes ao vinho de longa tradição e que os goliardos bem conheciam. Na realidade, mais do que cantos ao vinho, aí procede-se à exaltação do ambiente de taberna, descrevendo-se e elogiando-se estes espaços que os estudantes e professores ambulantes frequentavam. A taberna na Idade Média era um lugar de reputação duvidosa, onde os goliardos se misturavam com

as gentes do povo, incluindo as rameiras, aí se reunindo para se divertirem, comendo e bebendo, cantando e jogando aos dados. Esse ambiente de bebedeira, prostituição e jogo torna-se, pois, motivo de inspiração de um número considerável destas composições. É o contraponto do mundo intelectual do estudante e também um dos sintomas mais claros da sua rebeldia. Por conseguinte, os cantos báquicos dos goliardos são os que mais deixam transparecer o carácter transgressor da sua poesia. Neles encontra-se toda a vitalidade condenada pela moral da época: além do jogo e da bebida, a gula, o sexo e todo um cenário de má reputação. E se tal não bastasse, nos cantos báquicos assume-se explicitamente a paródia aos hinos litúrgicos e marianos, neles evidenciando o elogio de um estilo de vida que a sociedade despreza, a exaltação do prazer como aspiração máxima da vida, contrapostos a uma notação musical respeitável que aponta o louvor do conteúdo.

Manuel Ferro

Professor da Universidade de Coimbra

Bibliografia essencial:

Carl Orff. *Carmina Burana. Cantiones Profanae*. New York: Erato / Warner Music Group Company, 2011; L. A. de Villena. *Dados, amor y clérigos. El mundo de los goliardos en la Edad Media europea*. Sevilla: Renacimiento, 2010; Miguel Requena. *Poesia goliárdica*. Barcelona: El Acanalado, 2003; Ricardo Arias y Arias. *La poesía de los goliardos*. Madrid: Gredos, 1970; Ricardo Garcia-Villoslada. *La poesía rítmica de los goliardos medievales*. Madrid: Fundacion Universitaria Espanhola, Seminario Nebrija, 1975.

Os Goliardos

Clérigos pouco piedosos,
ansiosos
de liberdade e fantasia,
acolhem-se nas tabernas,
bebem copos de vinho e de alegria.

Clérigos pouco piedosos,
desejosos
de felicidade e folia,
acolhem-se nas tabernas,
bebem copos de vinho e de alegria.

Clérigos pouco piedosos,
orgulhosos
de cumplicidade no dia-a-dia,
acolhem-se nas tabernas,
bebem copos de vinho e de alegria.

Maria Helena Gomes

O vinho nas Celebrações da Sociedade Renascentista

“Quant’è bella giovinezza”: Diónisos e a Sociabilidade no Renascimento

Quando Jacob Burckhardt publica *Die Kultur der Renaissance in Italien*, em 1860, dedica um consistente capítulo à sociabilidade e às festas do Renascimento italiano a fim de mostrar que este período da história da cultura ocidental é uma época descontraída, de intensa alegria de viver. Se, cerca de cem anos mais tarde, Eugenio Garin, em *O Renascimento. História de uma revolução cultural*, acentua os aspectos de ruptura com a cultura da Idade Média, não contraria as linhas de força antes apontadas que evidenciam um processo de nivelamento das classes mais elevadas, com as necessárias consequências ao nível da sociabilidade e das festas, das reuniões de comunidades cultas e requintadas, bem como da expressão de um desejo de perfeição física, moral e intelectual. Correspondendo tal aspiração, exteriormente, a uma exigência superior de faustosas e confortáveis residências, modas requintadas de vestuário, esmero no aspecto exterior do indivíduo, com recurso a uma profusão de cosméticos e perfumes, bem como elegância de comportamentos, o bem-estar generaliza-se com o conforto de residências adornadas com tapeçarias, móveis esculpidos, leitos elásticos e macios, abundância de roupas, vasos magníficos, objectos de tocador, uso de carruagens em ruas pavimentadas. Nos ambientes elegantes dos palácios das famílias dominantes ou nos excelsos círculos das cortesãs, que falam à imaginação de poetas e artistas, ou até mesmo em paisagens dignas da *aurea mediocritas*, sucedem-se encontros, reuniões, recitações, passeios, discussões, jantares e outras refeições animadas pelos requintados expedientes das classes ociosas e marcadas pelo objectivo de elevar e enobrecer as relações sociais, em que temas de filosofia emparceiravam com os de política e arte. A diversão alargava-se à quantidade de jogos cultivados: a péla, regatas, corridas, desfiles, cortejos, torneios, procissões, triunfos, pantomimas, representações de diferente natureza, mistérios e moralidades, farsas, alegorias, bailes e *intermezzi*, festejos militares, exposições musicais e celebrações carnavalescas...

De todo esse fervilhar festivo, chegam ainda aos nossos tempos vestígios como os torneios de futebol, o “calcio storico” florentino, ou o pálio de Siena.

Com todo este ambiente de celebração da

vida, que pode ter um acentuado carácter pagão e que favorece o culto de Baco, articula-se o vector da religiosidade cristã, que, apesar de tudo, preserva a fidelidade ao dogma e a crença inalterada. Com o pretexto do fabrico do vinho-de-missa, ao longo da Idade Média, múltiplos foram os mosteiros e conventos que ao longo dos séculos seleccionaram as castas, como a Pinot, Riesling, Cabenert e Traminer, e apuraram a produção de vinhos de mesa e vinhos finos. Se a presença dos árabes nalgumas regiões europeias atrasaram o cultivo da vinha, por iniciativa régia e imperial, dos abades e bispos, cedo se começaram a desenvolver regiões vitivinícolas de qualidade em França, na Borgonha, na Inglaterra, na Itália, em Espanha, na Hungria. Em Portugal, logo desde os primórdios da nacionalidade se identificam três regiões, no Minho, no Porto e Lisboa, que ganham particular incremento graças à acção da Ordem de Cister e às relações diplomáticas com a Inglaterra e a Borgonha. Seguem-se depois as regiões do Algarve, Madeira e Alentejo. Em Itália, os vinhos da Toscana ganham fama mundial pela qualidade atingida. Os Médicis tornam-se eles próprios grandes produtores das principais culturas do Grão-Ducado, como o trigo, o azeite e o vinho. Ainda hoje, mais do que o Chianti, o Brunello e o Bolgheri, na Toscana verifica-se a existência de cerca de 60 rótulos distribuídos por categorias vinícolas como IGT (Indicação Geográfica Típica), DOC (Denominação de Origem Controlada) e DOCG (Denominação de Origem Controlada e Garantida).

Perante toda essa nova atitude de estar na vida, de fruir cada momento, de acordo com o princípio clássico do *carpe diem*, a rendição e o fascínio sentido perante a divulgação da Cultura Clássica a partir do século XIV, faz com que toda e qualquer manifestação da existência seja vista de um ângulo igualmente requintado e mais erudito. No Renascimento, e graças à divulgação do Neoplatonismo, a redescoberta e revalorização de Baco teve lugar valorizando a sua qualidade de musageta, de guia das musas e revelador de segredos e mistérios divinos. Daí a sua popularidade entre os poetas e artistas da época. Também Camões não deixou de sucumbir ao seu fascínio, muito embora n' *Os Lusíadas* seja sempre apresentado como invejoso, ressentido, malévolo, rancoroso, pérfido e traiçoeiro, em suma, como o grande oponente dos portugueses na consecução da grande gesta da descoberta da Índia.

Da Antiguidade até aos tempos mais recentes, muitos foram os artistas que se deixaram seduzir pela representação desta divindade de traços tão

peculiares: para além de mosaicos e frescos de mestres desconhecidos à estatuária grega, alexandrina e romana, exibindo os atributos insinuantes desta ambígua e intrigante personagem. Foram muitos os nomes grados da pintura ocidental que o retrataram em situações e atitudes festivas ou em celebrações orgiásticas e rituais báquicos, composições depois transpostas para tapeçarias de intensa e delicada disposição estética: Caravaggio, Rosso Fiorentino, Abraham Bleemaert (“Bacchus, alegoria do Outono”), Annibale Carracci, Guido Reni (“Baco e Ariadne”), Velasquez (“O triunfo de Baco”), Michel-Ange Houasse (“Bacanal”), Massimo Stanzione (“Sacrifício a Baco”),...

Todavia, das composições poéticas do Renascimento dedicadas a este deus, é a “Canzona di Bacco” da autoria de Lorenzo de Medicis, aquela em que melhor se traduz a delicadeza do assunto tratado, a alegria de viver, a intensidade da paixão:

Quant'è bella giovinezza, che si fugge tuttavia!	Como é bela a juventude, Que se escapa, todavia!
Chi vuol esser lieto, sia: di doman non c'è certezza.	Quem quer ser feliz, que seja! Do amanhã não há certeza!

Manuel Ferro
Professor da Universidade de Coimbra

Bibliografia essencial:

Eugenio Garin, *O Renascimento. História de uma revolução cultural*. Porto: Telos, 1972; Jacob Burckhardt, *A Civilização do Renascimento Italiano*. Lisboa: Editorial Presença, 1983; Lorenzo De' Medici. *Opere*. I. A cura di Attilio Simioni. Bari: G. Laterza e Figli, 1913; Vítor Manuel de Aguiar e Silva, “Baco”, in *Dicionário de Luís de Camões*. Lisboa: Caminho, 2011, pp. 59-63

Triunfo de Baco

No dia de amanhã, não há certeza...

É tempo
de ter tempo
para saborear a beleza.

“Quem quiser ser feliz, que o seja”

É tempo
de ter tempo
para fazer o que deseja.

“Celebremos todavia”

É tempo
de ter tempo
para brindar à alegria.

A vida tem pouco tempo.

É tempo
de ter tempo.

Maria Helena Gomes

Os Professores nossos amigos e colaboradores

Curricula vitae abreviados

Francisco de São José de Oliveira é Professor Catedrático do Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra e Director do projecto Estudos Latinos do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.

Desempenhou vários cargos, onde se relevam: Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras (1996-2002); Presidente da Euroclássica e da APEC/Associação Portuguesa de Estudos Clássicos; membro da direcção da Faculdade de Letras da Universidade Católica Portuguesa; director de programas subsidiados pelo FSE no âmbito da Formação Inicial e Contínua de Professores.

Apresentou e organizou inúmeras conferências e seminários em Portugal e em diversos países.

Tem dezenas de publicações em Português, Francês, Espanhol, Inglês e Alemão, nas quais se incluem traduções de Platão, a tese de doutoramento, publicada com o título *Idées politiques et morales de Pline l' Ancien* (Coimbra, 1992); e *Europatria* (Coimbra, 2013).

José Ribeiro Ferreira, Professor Catedrático Jubilado da Universidade de Coimbra, tem feito investigação e publicado trabalhos no âmbito da cultura clássica, da História Antiga, da Arte Grega; da recepção da cultura clássica nas culturas posteriores. Entre outras cadeiras, leccionou História da Cultura Clássica, História da Antiguidade Clássica, Literatura Grega, Arte Grega, Mitologia Greco-Romana. Exerceu vários cargos académicos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É Presidente da Direcção da ANAI - Associação Nacional de Apoio ao Idoso.

Tem mais de centena e meia de trabalhos - entre livros, artigos em revistas e enciclopédias - publicados em Portugal e no estrangeiro.

Especificamente no domínio da poesia, os livros publicados ultrapassam já a dezena.

Em junho de 2004 entrou para Rotary Club de Coimbra, de que foi Presidente no ano rotário de 2009/2010. Para o Clube tem feito algumas antologias evocativas de escritores e efemérides. Pertence ao Conselho de Administração da Fundação Rotária Portuguesa.

Manuel Ferro é Professor Auxiliar de nomeação definitiva da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Lecciona cadeiras da área de Estudos Italianos, ao nível do 1.º e 2.º Ciclos, tendo já assegurado outras disciplinas, como Estudos Camonianos, Literatura Portuguesa Clássica ou seminários do Ramo de Formação Educacional. Orientou e orienta Dissertações de Mestrado e Teses de Doutoramento na mesma Faculdade de Letras. Em 2005 e 2006, foi Professor Visitante da Universidade Federal de Pernambuco, no Recife, onde leccionou seminários em cursos de Pós-Graduação/Mestrado e Doutoramento.

Desempenha igualmente as funções de Director da Biblioteca de Estudos Italianos; é membro do Conselho Consultivo do Centro de Línguas e Presidente da Direcção da Sociedade Filantrópico-Académica da Universidade de Coimbra. Foi Coordenador Erasmus da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Tesoureiro da Direcção do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos (CIEC).

É investigador integrado do CIEC. A produção científica gravita à volta das relações culturais e literárias luso-italianas, os estudos camonianos e a produção épica portuguesa do Barroco e Neoclassicismo, na prossecução da investigação levada a cabo para a sua tese de doutoramento, defendida em 2004, subordinada ao tema *A Recepção Portuguesa de Torquato Tasso na Épica do Barroco e Neoclassicismo*.

Conta com largas dezenas de ensaios, artigos, verbetes, resenhas e textos de divulgação publicados em Portugal e no estrangeiro.

Tem participado em Colóquios e Congressos, e proferido Conferências, a nível local, nacional e internacional.

Dirige actualmente o Curso Livre “O Património e a Palavra”, no âmbito das iniciativas culturais da Casa-Museu Elysio de Moura.

Virgínia Soares Pereira Doutoramento em Ciências da Literatura, Área de Literatura Latina. Tem desenvolvido a sua investigação na área dos Estudos Clássicos e Humanístico-Renascentistas, nomeadamente sobre: 1) André de Resende, humanista português do século XVI; 2) Júlio-César Escalígero e os *Sete Livros da Poética*; 3) Amato Lusitano (tradução e estudo dos *Comentários a Dioscórides*, no âmbito de um grupo de investigação).

São da sua autoria vários artigos relacionados com a cultura clássica, bem como os volumes: *Plínio-o-Moço*. Lisboa, Editorial Inquérito, 2000; André de Resende, *Carta a Bartolomeu de Quevedo*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1988; André de Resende, “*Aegidius Scallabitanus*” – *Um diálogo sobre Fr. Gil de Santarém*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

Presentemente é Professora Associada Aposentada do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho. É membro do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho.